RIO DE JANEIRO
12 DE MARÇO
1932

1$500

Nº 691

Para Todos...

Fragusto

Para clarear os dentes e desinfectar a bocca
O melhor meio de limpar e clarear os dentes é o uso da PASTA ODOL.
A PASTA ODOL deixa os dentes alvos sem atacar o esmalte, visto ser composta de substancias macias e não crystalisadas.
A completa hygiene da bocca, porém, não se satisfaz com a simples limpeza dos dentes.
Impõe-se o uso diario de um elixir que evite a carie e desinfecte a mucosa.
O LIQUIDO ODOL e o melhor elixir dentifricio do mundo, pois suas virtudes principaes são justamente as de evitar a carie, desinfectar e refrescar a bocca, fortalecer as gengivas, dissolver as pedras [tartaros] e perfumar o halito.
KOHOUT NEW YORK
ODOL

PARA-TODOS...

Agua

GRAÇA ARANHA

Agua! Fonte suprema da vida.
Agua, além de toda a dor.
Appello do soffrimento!
Appello do ferido!
Agua, retorno eterno!

Dá-me agua!

Agua, lagrima.
Nos teus olhos, m nha consolação,
bebida da minha dor.

Os teus olhos são a minha consolação.
Nelles desaltero a minha dor!

agonía

Por Edouard Peisson

DURANTE horas, elle evoluiu entre duas aguas como um tubarão; fuso de aço cinzento a z u l a d o deslisando entre as camadas negras e geladas. Apparelhos de transmissão, destros e intelligentes, os homens correctos nos seus postos, nervos e vontade entesados, promptos para receber uma ordem e executal-a.

Dirigiu-se para a superficie, para a claridade, arrogante, rapido e silencioso. Surgiu. E, no mesmo instante, atropelado, sossobrado, aberto pela prôa de um outro submarinho, cahiu inerte e morto.

Todos os metaes do abordador vibraram. Elle foi lançado á toda velocidade. A prôa cortava a agua maravilhosamente e atirava-a para a direita e para a esquerda em grandes espiraes brancas que se abrandavam no horizonte.

O céo estava claro. Um circulo prateado e, além, nuvens brumosas, depois da terra.

Elles haviam tombado com o choque. Quando viram o submarinho, já era muito tarde para o poderem evitar. Ergueram-se. Precisavam de alguns segundos para se darem conta. Depois comprehenderam: haviam abalroado um submarinho..

Antes de tudo é preciso saber a posição exacta. Calculam. E' preciso conhecer a profundidade. Procuram-a no mappa. Lançam atravéz do espaço o pedido de soccorro. Depois, ficam nos postos, velando o que agonisa.

O signal chega no mesmo instante aos navios e aos postos de terra. No mesmo instante, a agonia estreita todos os homens. Toda a esquadra está alerta com os gritos de afflicção. Os grandes canhões, os cruzadores, os contra-torpedeiros que ameaçavam a multidão dos canhões inuteis, se reunem. Mergulham nas vagas, delirantes, porque alguns homens agonisam.

Todos buscam o ponto do Oceano onde desappareceu o submarinho arrebentado. E' preciso salvar os homens da tripulação. Vivem ainda? Alguns vivem ainda? E despacham para o lugar as pesadas docas flutuantes, os melhores scaphandros, os especialistas em grandes mergulhos.

A imprensa communica ao mundo.

Mulheres choram. Crianças choram.

A agua metteu-se pela abertura. Enrolou os forros, torceu as barras de aço.

Atacou os homens pelo peito, pela garganta, quebrou costellas. Elles não tiveram tempo de dizer uma palavra, de formular um pedido. Alguns fizeram um gesto que a morte fixou. Outros cahiram de olhos abertos, de bocca aberta.

O submarinho, como um passaro abatido em pleno vôo, submergiu rolando sobre elle mesmo.

Estão, alguns, fechados num caixão, feridos, uns sobre os outros, desmaiados. Um se levanta. Tropeça em corpos, estende os braços para frente como um cégo. Abaixa-se. Apalpa um, depois outro, toca nos rostos, procura reconhecel-os. Estão uns serrados contra os outros, dizem os nomes. Não falam no que aconteceu, não querem explicar como aconteceu. Estendem os braços encontram metaes de todos os lados. Os dedos se prendem nos pregos revirados.

Elles sabem. Não dizem que estão perdidos. Não dizem que serão salvos. Esperam.

Vigia funebre. A esquadra se concentrou em cima do submarinho submergido. Os pesados cruzadores se amantoam sobre as vagas, as unidades leves balançam sobre as ondas.

Tristeza. Os rostos dos homens estão graves. Nos passadiços, os marinheiros velam.

Longe ainda, as docas flutuantes se apressam. Chegarão a tempo? Depois apparecem os rudes rebocadores que conduzem os scaphandros.

O céo está cinzento e nublado. A agua cinzenta e marulhosa.

E' preciso marcar o lugar do naufragio. Um homem cujos gestos, devido á armadura de aço, se tornaram grotescos, desce lentamente atravéz das massas de agua. A mão enluvada busca, tateando.

A prôa está presa ao fundo pela agua que a invadiu. Peixe ferido que levanta a guela para a superficie.

Está enterrada nas algas, nas rochas musgosas. Monstros marinhos evoluem em torno. Bandos de peixes traçam relampagos prateados em volta. O scaphandro para o encontrar avança de braços estendidos.

Elle é tolhido pelo frio e pelo terror. Puxam-o para cima, desmaiado. Outros o substituem. Descem, sobem, tornam a descer. E' um bailado fantastico de demonios sustentados por cabos de aço. Desembaraçado do casco, um diz: "Não encontramos nada." Um cabo segura uma boia que dansa sobre as vagas. E' esse ponto que elles fixam, é essa boia que indica um esquife. Desejavam ser bastante fortes para afastarem a agua e arrancarem a prôa da bainha de lôdo.

O prodigio não se produzirá?

Tudo que consistia a vida normal não existe mais. Nem odio, nem amor. Uma ambição: viver.

Parece-lhes que já lhes falta o ar! Abrem a bocca. Não reconhecem mais os rostos. Reconhecem-se pela vóz, uma vóz nova, estrangulada, tremula.

Cada qual tem sua posição. Esperam uma chamada. Encontraram uma alavanca. Batem no casco desesperadamente.

Os projectores revistam o mar. Descobrem a boia. Depois se dispersam, desapparecem. Resta a luz central da officina installada sobre o mar.

Os scaphandros mergulham inutilmente. Depois, a doca avança alguns metros. Parallelamente, outras docas exploram o fundo do mar.

Ouve-se apenas o arfar dos motores. Nas chammas só se distinguem silhuetas de homens nús. Um homem extenuado é substituido por um homem valido.

Estão com as plantas do submarinho. Rapidamente calculam a quantidade de ar que resta aos sobreviventes e o numero de horas que ainda pódem viver, si não conseguirem enconrtar o submarinho e o desencalhar. Contam os minutos. E' preciso procurar, encontrar depressa si se quizer salvar os homens. Mas as vagas prejudicam as buscas. O mar quer guardar a sua presa.

Uma mulher com o filho estão a bordo de um navio. Supplicam a um scaphandro: "Traga elle para junto de nós"...

Os ponteiros sobre o mostrador seguem um caminho tragico. Comem as horas.

Uns olhos de mãe estão fixos sobre elles. Paral-os? Não fará parar o tempo!

Soffrem. Um casco de aço comprime as cabeças. Faiscas nos globos dos olhos os illudem. Os ouvidos zumbem.

Ouvem?

Será que os abandonaram?

Preoccupam-se com elles?

Sentem-se alçados. E' um ligeiro movimento. Não respiram mais, estão de mãos dadas. Mas, cahem. E' apenas um sobresalto do submarinho!

Oh! viver! Que esperança! Perguntam: "Poderemos esperar ainda?"

As horas passam. Deitam-se, um junto do outro, como soldados abatidos pelo mesmo obus. De mãos dadas. Serram-se uns contra os outros. E' preciso não ter medo, não pensar no soffrimento. Mas o soffrimento os torce. Um está como uma bola, o outro, agarrado á parede, de bocca aberta e encostada ao forro como para aspirar. Um outro aperta a garganta.

Não têm mais força. Não ouvem mais. O sangue faz as arterias baterem furiosamente.

O dia se extingue. Ainda uma noite.

A o crepusculo, vem do oeste uma brisa. Ella engrossou as vagas e as precipitou para éste. Os navios tomaram posição contra a tempestade.

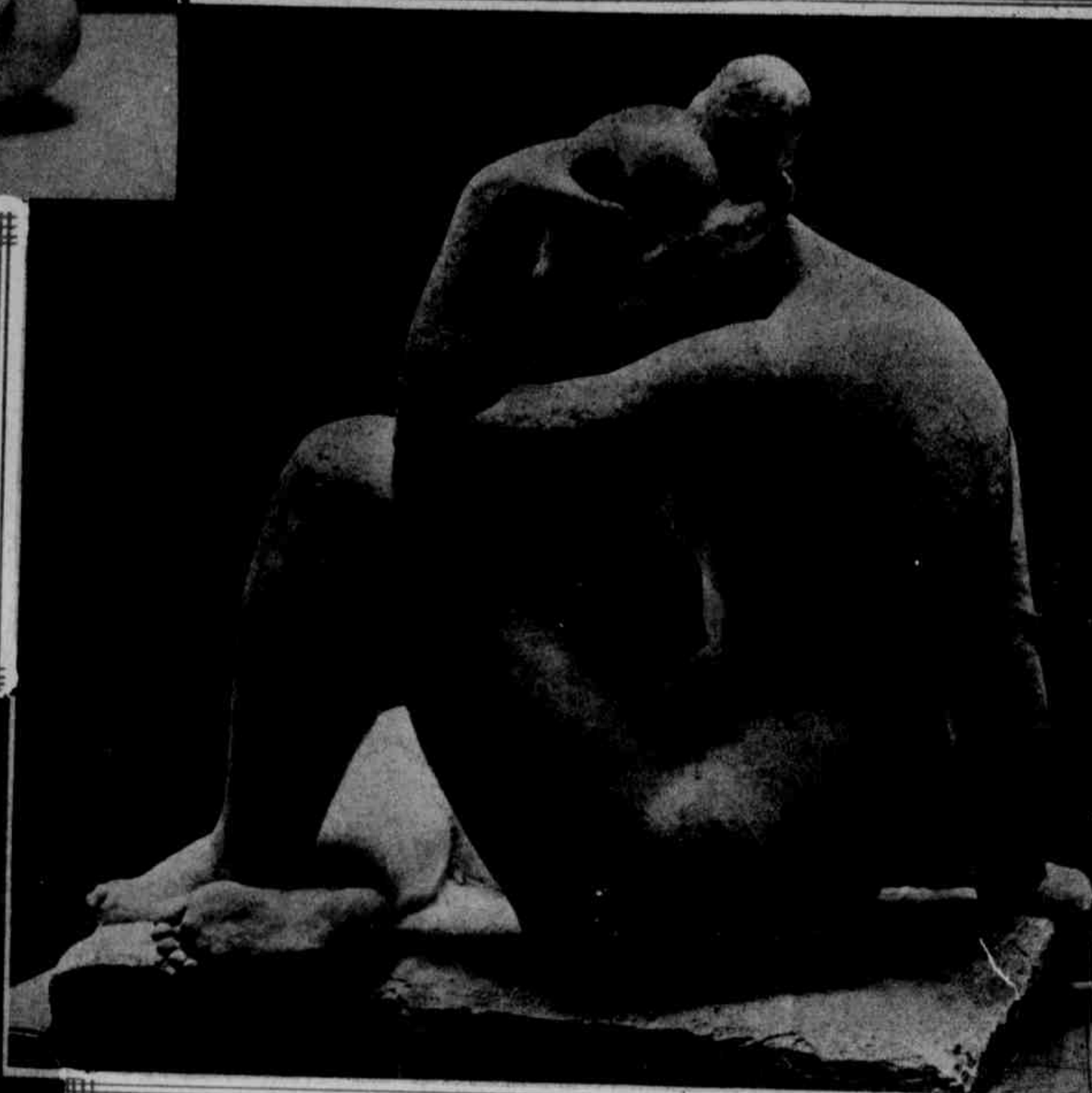
Um dos maiores se collocou de maneira a proteger as docas flutuantes e os rebocadores.

O s projectores examinam a noite. A boia desapparece, reapparece. Dansa macabra. Depois, vae embora, arrastada. O submarinho está perdido. Os ponteiros marcaram a hora. Passaram da hora. Alvorecer. Aurora.

O almirante expede um telegramma: "Não ha mais esperanças." E o Governo redige despachos de condolencias para as familias.

ESCULPTURA

"A MUSA DO SOMNO"

de Brancussi

" N Ú "
de
Aristides
Maillol

" S C I S M A "

de Cecil Howard

" E V A "

de

Rodin

Leopoldo Fróes

TINHA a vocação, tinha o amor da sua arte. Dava prazer ouvil-o. Dava prazer vêl-o. Na mascara de Leopoldo Fróes todos os sentidos marcáram "rendez-vous". Na vóz delle as nuanças se uniram e confundiram. Cada gesto contava um pouco da vida que vivia. Ainda ninguem fumára em scena como Leopoldo Fróes. Ninguem olhára para o chão como aquelle homem. Detalhes... Juntos, transformavam-se em delicia.

Leopoldo Fróes representava mais autores estrangeiros do que brasileiros. Protestavam. Vinha Ernesto Vilches. Ernesto Vilches representava mais autores estrangeiros do que hespanhóes. Aplaudiam. Parece que isto não éra sério. Era. Era a gloria de Leopoldo Fróes. As glorias variam confórme os paizes.

O "primeiro actor brasileiro" morreu longe do Brasil...

NA CIDADE

MARTIM LUZ

No domingo passado, as ruas brilhavam cheias de sol e o céo era uma grande pincelada de luz.

Então, subi a estrada do Convento de Santo Antonio. Vinha do alto o calor sem clemencia. Pessoas subiam tambem Moças. Rapazes. Namorados. Senhoras Velhos. Pobres. Mas muitas moças e muitos rapazes. Muitos namorados...

A lembrança de que Santo Antonio é o padroeiro dos que se querem casar collocou um sorriso perfeitamente christão no seu rosto.

Ha quanto tempo não ia á missa!... Que saudade do meu catholicismo adolescente!...

Entrei. A penumbra envolveu-me como um perdão. Esqueci o sol que me queimava fóra. Os santos olhavam-me com sympathia. A voz do orgão, infinitamente doce na manhã luminosa, me fez lembrar minha infancia...

Senti um arrependimento immenso de não ter continuado mystico pela vida afóra... Depois, lembrei outras coisas... Muito mais distantes... Antes da minha vida... Muito antes... Muito antes... Meus olhos se commoveram...

Quando a missa acabou eu sahi contente, contente, para olhar o sol. Perdera quinze annos. Vim creança para as ruas.

E quiz admirar o mundo do bom Deus Infantibilidades... Fica ali perto a estação de Santa Thereza. Um bondinho rachitico levou minha curiosidade fascinada para o Sylvestre.

O dia não tinha manchas. Lavadissimo de luz. O Rio, clarissimo, mostrava-se todo em baixo, achatado na distancia.

Como um tapete. O mar, muito distante, azul, serenissimo, parecia um mar de quadro celebre.

O bondinho subia, subia... Cada curva era um deslumbramento para os olhos. As paizagens, la em baixo, modificavam-se sempre. Em cima, penetrava-se pela matta.

O christo do Corcovado abria os braços num abraço inutil. Agradecido fiz lhe uma saudação: "Obrigado, bom Deus, pela belleza deste dia..."

Num banco, numa curva, um homem vermelho e louro fumava um cachimbo e lia um livro. Como é, estrangeiro, no teu paiz ha disto?... Ahi é que eu quero ver!...

O velho patriotismo ingenuo de minha gente bateu forte no meu coração. Eu estava completamente creança

Sylvestre. Gente domingueira tomava chopp com descanço. Feliz.

Feliz... No semblante calmo, nos gestos lentos, na preguiça do olhar...

Domingo no Rio...

Tudo é differente. Os modos, os costumes, as paizagens, a gente, o sol, a vida...

Como é bella a minha cidade!

Depois, na descida, foi que eu comecei a ficar homem outra vez. Tomei posse de mim mesmo. Recuperei minha alma.

E cheguei em baixo completamente infeliz.

No Palace Hotel quando foi a inauguração da exposição do pintor polonez Bruno Lechowskis, Bruno 13.

O Reitor Fernando de Magalhães e os Professores Afranio Peixoto, Candido de Oliveira, Raul Pederneiras e Marcilio Lacerda.

ABERTURA
DOS
CURSOS UNIVERSITARIOS

Em baixo:

O salão do Instituto Nacional de Musica cheio de estudantes no dia em que officialmente foi inaugurado o anno lectivo de 1932.

Em Nictheroy

No Rio Cricket Club durante a festa em beneficio das Caixas de Esmolas.

No Club de Regatas Gragoatá domingo, de tarde.

Um aspecto da festa organizada pela Senhorita Sylvia Mello e patrocinada pela Senhora Ary Parreiras.

HO Ling, o chinez feliz, contou-me esta historia de uma desgraça.

— Você ainda se lembra do barulho que os jornaes fizeram, ha annos, quando bruscamente foi tirada da vida uma das mais conhecidas actrizes do theatro daqui, não é? Como todos os barulhos feitos por jornaes, começou num grande alarido e, depois de alguns dias tornou-se murmurio, apenas, para fazer-se, ainda mais alguns dias além, um inaudivel éco... O caso da fuga da filha de um ricaço com o entregador de açougue occupou a attenção de todos e desviou-se, assim, a mesma, do caso ruidoso da morte da celebre actriz...

— Eu presenciei a sua morte...

Disse Ho Ling e fez uma pausa pensada. Não cheguei a ter surpresa. Nada que Ho Ling faz já me surprehende...

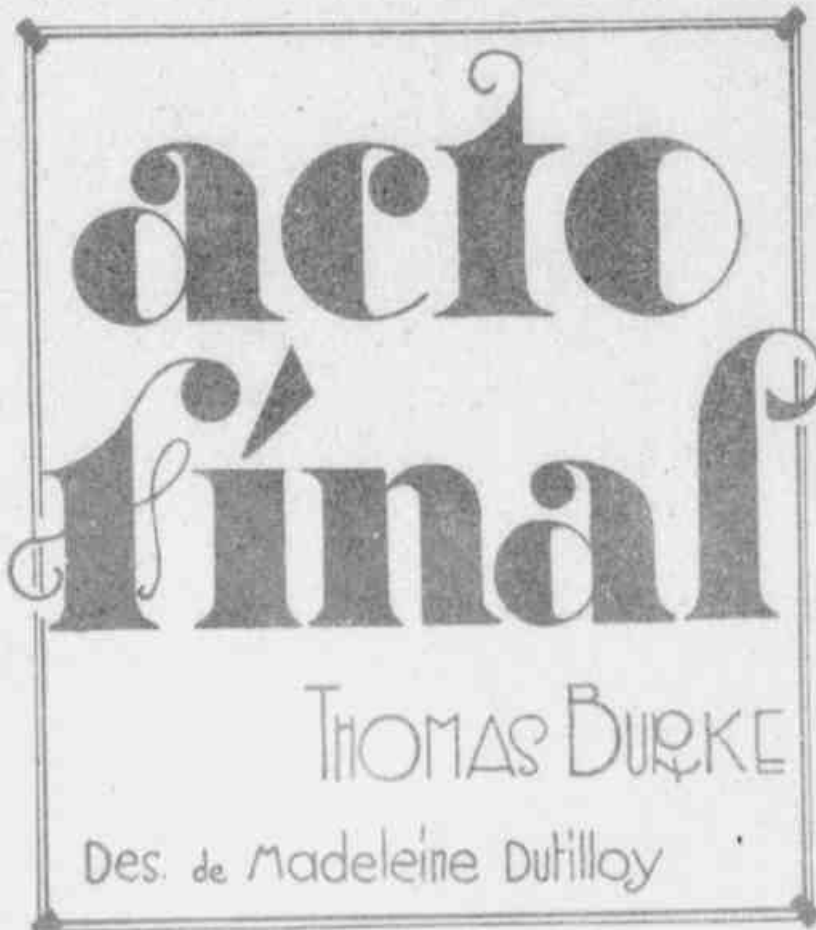
— Eu presenciei a morte de Drina Kromeskie, a actriz celebre do ha tempos falado e ruidoso caso... Ella veio correndo daquella rua...

E apontou.

— ...para cahir morta aqui defronte á minha janella. Ella veio esplendidamente, representando melhor do que nunca, com um accento dramatico, profundamente tragico na sua na sua voz de dicção impecavel... Esse acto final da peça da sua vida teve um publico muito pequeno, espectadores quasi todos alheios ao theatro... Mas ella deve ter morrido feliz. O seu ultimo sorriso auctoriza este meu pensamento apparentemente ousado. Dos que ali se achavam, apenas eu sabia que era Drina Kromeskie que morria...

Tornou a fazer um pequeno silencio e depois proseguiu ininterruptamente na narrativa.

— O que foi que a fez procurar viver aqui neste humilde quarteirão, não sei dizer. Talvez tenha ouvido falar alguma cousa mentirosa a respeito de nós chinezes que aqui vivemos e tenha vindo procurar o entorpecente que é a nossa peor fama... Talvez...

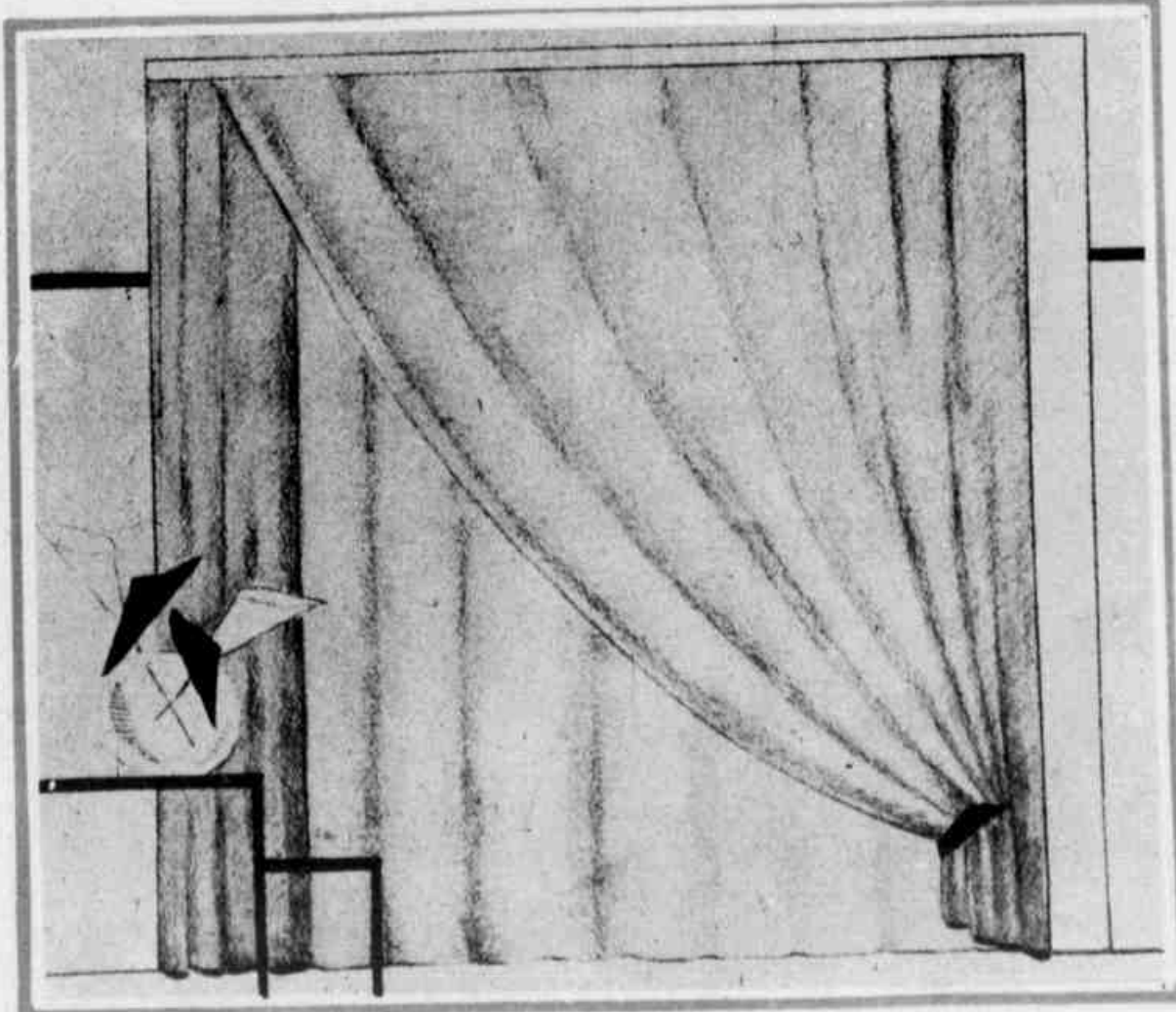
A verdade, no emtanto, é que ella veio morar entre nós. Privada do applauso incondicional que o publico da melhor parte da Cidade sempre lhe déra, não lhe foi mais possivel continuar vivendo sem o ter. Tambem não lhe seria possivel aqui residir, no nosso suburbio, o tempo sufficiente para o seu descanço sem ser reconhecida e diminuida aos olhos de qualquer reportagem infiel de jornalista bisbilhoteiro... Ella veio aqui para occultar-se entre os ambientes exquisitos da nossa colonia de má fama e aqui procurar a mascara do esquecimneto para a sua alma transviada do caminho da sorte.

Não conheço as razões, repito. Os meus alvitres terminam apenas numa verdade: ella veio morar aqui perto.

— Minha loja foi varias vezes visitada por ella. Depois de algumas visitas, não sei porque e nem devo querer saber esse mysterio impenetravel que é o coração de uma mulher, fez-me seu confidente. A sua vida, aqui proximo a nós, durou menos de um anno. O que eu apprehendi da historia que ella me contou, justifica essa sua curta existencia ao nosso lado. E' uma historia triste e eu lha quero contar para que se aperceba do quanto soffreu aquella mulher que alguns chronistas injustamente apodaram de má...

— A causa primordial da sua decadencia profissional, foi aquillo que é o maior fraco de todos os filhos do occidente: o amor. Ella se apaixonou e, infelizmente para ella, por um bebedo. Elle era um bebedo conhecido e mesmo profissional do copo. Tudo isso ella soube antes de casar e não foi a sua lua de mel que lhe descortinou esse facto. A sua unica esperança era que o mutuo amor que os illuminava fosse sufficientemente forte para redimir aquelle caracter mergulhado em alcool. Foi por isso que ella se casou com elle.

— O encanto desse matrimonio, as delicias de uma lua de mel apaixonada, ardente, não mataram nelle o desejo de beber. Ao contrario: augmentaram-no! Era um vicio que já lhe havia roubado dois empregos optimos de gerente de bons theatros e, tambem, a convivencia e o amparo de amigos certos. Mas ninguem podia negar aos que delle se afastavam o direito de assim agirem. Era um bebedo e a companhia do embriado é sempre desagradavel. No jantar do seu dia de casamento, embebedou-se mais do que nunca. Sua esposa teve por companheiro, na noite mais feliz da sua vida, um homem adormecido brutalmente e um cheiro de alcool atordoante. Depois de tempos de casado, então, em vez de se apaixonar pela situação previlegiada de sua esposa e procurar amparal-a com um procedimento decente, não, desregrou-se mais do que nunca. Talvez fosse a noção perfeita que elle tinha de que sua posição era muitas vezes inferior á da esposa pela sensação da inferioridade e, assim, procurasse mergulhar na bebida o seu espirito covarde e sem reacção possivel. Elle sabia que todos o tinham como o "marido" de Drina Kromeskie. A comparação que elles faziam entre ambos trazia-lhe uma impressão fortissima de diminuição e, impellido por ella, possivelmente diria, num accesso de amargura:—"Está bem! Já que "sou" inferior, "serei" inferior ás direitas!" E talvez por isso mesmo é que elle se tenha tornado, depois do matrimonio, o bohemio maior entre todos os grandes behemios da Cidade. Começou lógo

(Termina no fim do numero)

PAGINA INFANTIL

ERA uma vez um pobre vendedor de chicorea. Todos os vendedores de chicorea são pobres; mas ésse era mais pobre do que os demais. Tinha numerosa familia: varias filhas e dois filhos. As raparigas ficavam em casa com a mãe, e elle ia com os dois rapazes colher a chicorea. Um dia, estavam num campo apanhando chicorea, quando uma grande ave baixou, deixou cahir um ovo perto delles e, em seguida, levantou o vôo até desapparecer. Os moços agarraram o ovo, levaram-no ao pae porque viram na casca alguns signaes extranhos, parecidos com letras, que elles não sabiam decifrar. O pae tambem não acertou com o significado dos signaes. Levou por sua vez o ovo a um rico colono dos arredores, o qual comprehendeu logo. As letras diziam: "Quem comer a minha cabeça, será imperador; quem comer o meu coração, nunca terá falta de dinheiro."

O colono ficou espantadissimo e pensou: não direi a verdade a este homem, e tratarei de comer a cabeça e o coração. E, em voz alta, disse ao vendedor de chicorea:

— As letras dizem que quem comer a ave terá um excellente almoço. Com certeza a ave voltará amanhã para deixar outro ovo. Esperem por ella armados e tratem de matal-a. Ascendam o fogo e ponham a ave para cozinhar entre pedras. Eu irei e compartilharei do almoço.

O pobre vendedor de chicorea achou que tinha o futuro assegurado desde que o rico colono se dignava comer com elle. As horas até a manhã seguinte lhe pareceram muito longas. Foi para o campo com os filhos e ficou a espera da ave. Essa não tardou em apparecer e baixar. Os tres cahiram em cima della e mataram-na a páo. Immediatamente os rapazes ascenderam o fogo e puseram a ave para assar. Não eram muito habeis como cozinheiros. Deixaram cahir no fogo a cabeça da ave e o mais moço dos rapazes exclamou:

— Já não serve! Queimou-se. Eu a comerei.

E comeu a cabeça da ave. Um instante depois, cahiu ao fogo o coração e o outro moço disse:

— Já não serve! Queimou-se. Eu o comerei.

E comeu o coração da ave.

Minutos depois chegou o colono e todos se sentaram dispostos a comer. O colono estava muito alegre, pois só pensava na immensa vantagem que ia ter e por seu lado o vendedor de chicorea se sentia orgulhoso porque se sentava á sua mesa uma pessoa tão importante na comarca.

— Tragam o assado, disse o pae; e os rapazes se apressaram em cumprir a ordem. Ao ver a ave, o pae exclamou: Onde está a cabeça?

— Queimou-se e eu a comi, replicou o irmão menor.

O colono rangeu os dentes e bateu com o pé no chão, mas não se atreveu a manifestar a causa da subita irritação. Todos permaneceram em silencio emquanto o vendedor de chicorea trinchava a ave. Quando se dispôz a servil-a, o colono disse:

— Dei-me o coração, se me permitte escolher. E' o pedaço das aves que prefiro.

— Com muito prazer, respondeu o vendedor de chicorea, e pôz-se a procural-o, cada vez mais nervoso, entre os pedaços que acabára de cortar. Não o encontro, disse por fim, não o encontro. Será que esta ave não tinha coração?

— Sim, papae, tinha, disse o filho mais velho, mas cahiu no fogo, queimou e eu o comi.

O colono não poude mais repremir a sua raiva. Levantou-se bruscamente, exclamou:

— Obrigado não quero comer! As unicas partes da ave que eu gosto são a cabeça e o coração, e, até parece proposital, deixaram queimar. Adeus!

Sahiu.

— Que papel vocês fizeram, meus filhos! exclamou afflicto e aborrecido o vendedor de chicorea. Por causa de vocês perdi a melhor occasião de sahir da pobreza. Depois de comer aqui o colono nos convidava para a casa delle e como uma gentileza impõe outra, sabe Deus até onde chegariamos. Agora perdemos para sempre toda a probabilidade de auxillio e de protecção por parte do colono! Não quero mais saber de vocês. Sahiam da minha casa!

O BURRO MALTRATADO

Expulsos assim da casa paterna, os dois jovens se puzeram, tristemente, a caminho sem saberem como ganhar a vida. Ao anoitecer chegaram á uma granja, onde pediram trabalho.

— Não tenho nenhum trabalho para vocês, disse o dono da granja, mas como é muito tarde permitto que passem a noite no celleiro, com a condição de partirem amanhã assim que clarei o dia.

Os dois irmãos contentes por obterem pousada, foram para o celleiro e se encostaram num monte de palhas. Na manhã seguinte, ao despertarem, o irmão mais velho encontrou debaixo da sua cabeça um cofre cheio de moedas de ouro.

— Como está isto aqui? disse o moço. Sem duvida foi o dono da casa quem pôz para ver se somos honrados. Graças a Deus não tem perigo, somos muito pobres, mas nunca guardaremos o que não nos pertence.

Pegou o cofre, foi procurar o dono da casa e disse-lhe:

— Aqui está o cofre com o dinheiro. Não era necessario experimentar por essa fórma a nossa honradez.

O dono da granja teve um movimento de espanto, mas preferiu ficar com o dinheiro e disse simplesmente:

— Alegro-me de ver que são moços honrados.

Deu-lhes umas provisões para a viagem e despediu-os.

Na noite seguinte os dois irmãos se encontraram num campo sem fim e como não avistaram, nos arredores, albergue nem chopana não tiveram remedio sinão dormir ao tempo. De manhã tornaram a encontrar sob a cabeça do irmão mais velho, um cofre cheio de moedas de ouro.

— Vejo que aquelle homem não se satisfez com a prova á qual nos submetteu. Veio, emquanto dormiamos para deixar de novo esta quantidade de dinheiro. Temos que ir devolvel-a.

Voltaram á granja e disseram ao homem:

— Aqui está o seu cofre cheio de moedas. Se não ficamos com elle da primeira vez, era de suppor que tambem da segunda não o carregariamos.

O homem ainda mais surprehendido, aceitou o dinheiro sem dizer nada a não ser umas palavras de elogio á attitude honrada dos jovens e mandou servir-lhes um bom almoço. Depois de comer os dois irmãos partiram tomando outra direcção.

Na noite seguinte, o irmão menor disse:

— Duvido que tenha sido o homem da granja quem deixou o cofre de moedas. Parece-me difficil que, tão distante da casa delle, num campo nú, viesse ter comnosco, sem que o vissemos. Esta noite ficarei velando, se não vier e amanhã apparecer outro cofre com moedas, esse será teu.

O irmão mais moço ficou de guarda toda a noite: não appareceu ninguem, entretanto, pela manhã encontraram outro cofre cheio de moedas. Não duvidaram então de que o ouro lhes pertencia. Continuaram a viagem levando o cofre. Ao meio dia chegaram á uma grande cidade. O imperador acabava de morrer e os habitantes, muito excitados, deliberavam sobre a escolha de outro imperador. A população se dividia em numerosas facções, cada uma tinha o seu candidato. Isso trazia discordias e brigas. A gente de bom senso desejava que, de uma vez, elegessem qualquer um, para acabar com a situação anormal.

Ao entrarem na cidade o irmão menor carregava o cofre. As sentinellas de guarda nas portas da cidade fizeram abrir o cofre e ao vel-o cheio de moedas de ouro detiveram o portador e communicaram a novidade ao ministro. Esse exclamou:

— Este moço é uma pessoa pouco commum. Elle póde ser nosso imperador!

E os presentes exclamaram:

— Sim! Sim! Seja nosso imperador! Viva o imperador!

E foi assim que o moço se converteu em soberano.

PAGINA INFANTIL

O irmão mais velho entrou na cidade sem ser notado e foi pedir hospitalidade em casa de uma mulher que tinha uma filha muito bonita. Nessa noite, como de costume, appareceu debaixo da cabeça delle, um cofre cheio de moedas de ouro. O moço sahiu, e voltou pouco depois carregado de presentes que offereceu á senhora que lhe déra abrigo, dizendo-lhe:

— Hontem eu era um pobre caminhante e aqui obtive abrigo. Aceite estas lembranças em signal de gratidão.

A filha da dona da casa, offereceu sedas e joias.

A moça muito curiosa perguntou:

— Hontem eras um pobre caminhante fatigado e agora dispões de immensa riqueza. Como foi essa mudança tão repentina?

A moça era tão bonita e falava tão bondosamente que o rapaz, sem suspeitar de nada, respondeu com ingenua franqueza:

— Todas as manhãs, quando acordo, encontro debaixo da minha cabeça um cofre cheio de ouro.

— A que atribues essa maravilhosa sorte, perguntou a jovem.

— Não sei; mas talvez um facto que occorreu a tres ou quatro dias tenha alguma relação. Foi o seguinte: achava-me, com meu pae e meu irmão, no campo colhendo chicorea; nisso baixou uma grande ave que depositou no chão, junto de nós um ovo. Esse ovo tinha certos signaes que não entendiamos. Levamos o ovo a um vizinho rico que leu os signaes e disse que deviamos matar a ave e comel-a. Puzemo-nos a assar a ave, mas o coração cahiu no fogo; pareceu-me que não devia apresental-o á mesa e comi-o. Quando o visinho rico chegou á nossa casa para participar do almoço e soube que eu havia comido o coração, ficou indignado. Isso me faz suppor que os signaes do ovo não significavam o que elle disse, e sim, provavelmente, que aquelle que comesse o coração da ave teria sempre ouro em abundancia.

Continuaram conversando sobre outros assumptos. A' noite a moça serviu ao hospede um copo de vinho no qual misturára um vomitivo. O moço vomitou o coração da ave. E na manhã seguinte não encontrou o cofre de moedas e, para maior desgosto, a dona da casa e a filha disseram-lhe que devia mudar-se immediatamente da casa dellas

Sahiu muito triste e pôz-se a caminhar sem rumo. Depois de muito andar se sentiu fatigado e sentou-se a beira de um arroio chorando. Appareceram tres fadas que lhe perguntaram porque chorava. Contou-lhes o que acontecêra e ellas lhe disseram:

— Não chores mais pela perda do coração da ave. Leva esta blusa de pelle de ovelha, cujos bolsos contêm sempre ouro. Gastarás quanto quizeres e nunca deixarão de estar cheias.

Immediatamente o moço partiu para a casa da bella jovem levando-lhe valiosos presentes.

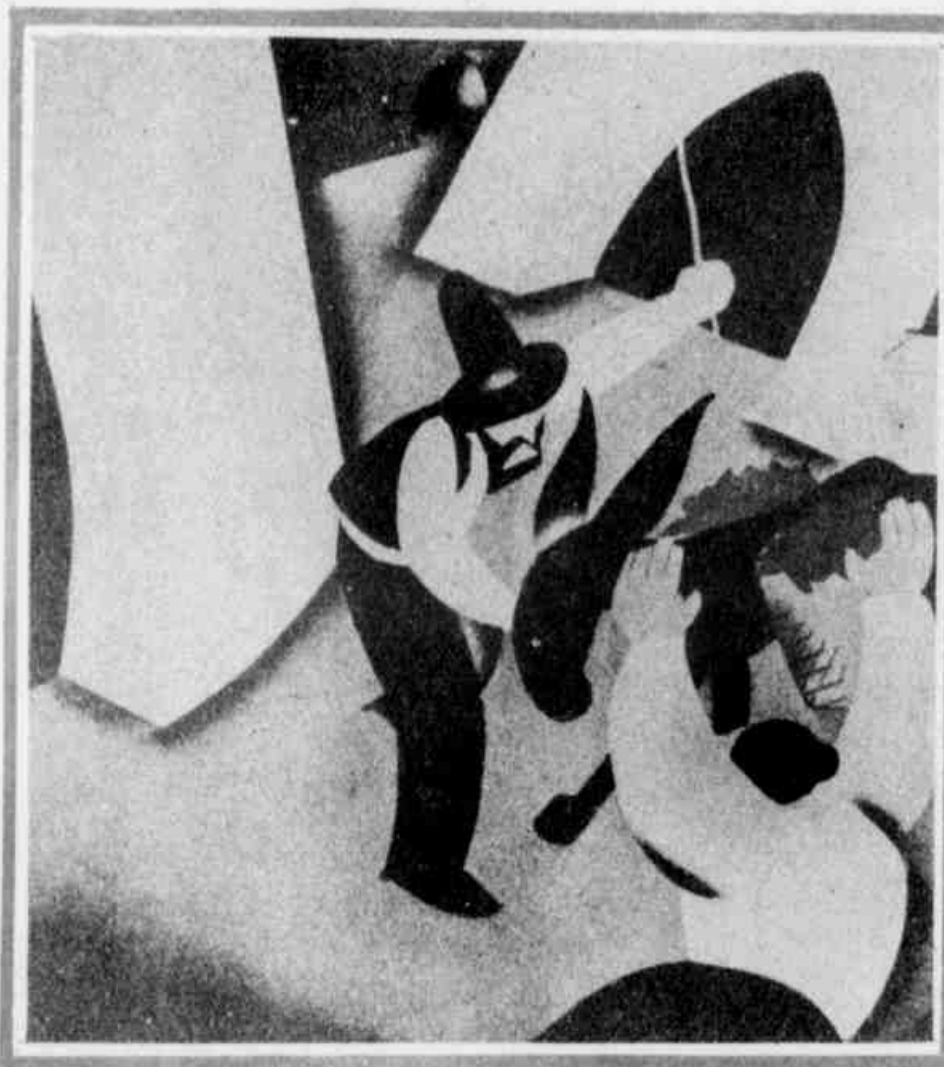
— Não comprehendo, disse ella, onde arranjaste tanto dinheiro para comprar estas coisas, tu que, ha pouco, partiste sem nada.

Contou então o que occorrera com as fadas. A mãe e a filha o convidaram amavelmente para dormir aquella noite em casa dellas. Quando o moço adormeceu, a jovem chamou a empregada e ordenou que fizesse uma blusa de pelle de ovelhas exactamente igual á do viajante. Como é de suppor, emquanto o moço dormia, trocou a blusa magica pela que mandára fazer. Pela manhã o moço não encontrou dinheiro nos bolsos e, para completar, tocaram-no de casa. Depois de muito caminhar chegou ao mesmo arroio, sentou-se e pôz-se a chorar. Accudiram as fadas e perguntaram a causa do pranto.

— Como não hei de chorar, replicou, tocaram-me de casa, não tenho morada, nem recursos para comer pois os bolsos da blusa estão vazios.

As fadas examinaram a blusa e disseram:

— Esta não é a que te demos. Trocaram-na sem que visses. Não importa. Toma esta vara. Todas as vezes que bateres com ella numa mesa terás o que pedires: alimento, roupa, dinheiro.

No dia seguinte o moço voltou á casa das mulheres, entrou sem dizer uma palavra e sentou-se á mesa. Expressou em voz baixa o desejo de que lhe servissem de comer e deu uma farada na mesa. Immediatamente essa se cobriu de exquisitos

manjares. As mulheres não perguntaram nada porque perceberam onde estava a força magica. Começaram a tratal-o com excessiva amabilidade e convidaram-no a passar a noite em casa dellas. Quando a moço adormeceu robaram-lhe a varinha e na manhã seguinte o despediram brutalmente.

Elle outra vez partiu, chegou ao arroio e se pôz a chorar. Novamente appareceram as fadas e, sabedoras da causa do pranto, disseram:

— E' a ultima vez que apparecemos. Aqui tens um annel. Conserve-o no dedo. Se perderes este presente, perderás tudo, pois nada mais faremos em teu favor.

Regressou o moço á casa das mulheres que ao vel-o, foram muito cordeaes, suspeitando que as fadas lhe haviam dado outro objecto de magica virtude. Com effeito o moço não tardou em explicar:

— Perdi os outros presentes das fadas, mas este não hei de perdel-o. E' um annel que se ajusta perfeitamente ao dedo e ninguem poderá arrancal-o daqui.

— Para que serve este annel? perguntou a jovem.

— Para tudo, replicou elle. Basta que eu deseje uma coisa para obtel-a.

— Vejamos si é verdade, continuou a jovem. Deseje que dentro de um instante estejamos no alto daquelle morro e que surga diante de nós uma refeição.

Repetiu o moço o desejo e no mesmo momento foram transportados ao cimo do monte. Diante delles appareceram abundantes e exquisitos pratos. A jovem levava escondido um frasco com narcotico. Aproveitou a occasião em que o rapaz se distrahira para derramar-lhe no vinho algumas gottas. O moço dormiu instantaneamente. A mulher tirou-lhe o annel, pôz no dedo della e pediu para voltar para casa o que foi executado sem tardança.

Horas depois o moço despertou e se encontrou só no alto da montanha. O annel desapparecêra. Sentia-se muito fatigado para tentar a descida e chegar a logar povoado. Pôz-se a chorar amargamente. Durante tres dias permaneceu no alto do monte. Por fim, a fome era horrivel, decidiu comer uma herva que crescia em abundancia no alto da montanha. Assim que mastigou os primeiros bocados, transformou-se em burro: um burro com duas cestas, como os dos mercadores de verduras. Mas, conservava a intelligencia humana e achou que aquella herva de effeitos tão perigosos podia ser-lhe util. Encheu com ella um dos cestos e começou a descer a montanha. Ao chegar ao valle, de novo teve fome e comeu de uma herva differente que abundava no logar. Outro prodigio: recuperou as fórmas humanas. Carregou então o cesto cheio da herva que possuia a propriedade de transformar em asno o ser humano e tomou o caminho da cidade, onde mudou de roupa, disfarçando-se em vendedor ambulante e começou a andar pelas ruas offerecendo salada. Chegou assim á casa das duas mulheres. Ao ouvir o pregão appareceu uma criada que lhe perguntou:

— E' bôa esta salada? Minha jovem patrôa gosta muito. Entre, é possivel que compre.

E foi chamar a jovem que surgiu logo. Examinou a mercadoria e disse:

— Não parece má; mas não costumo comprar uma coisa sem provar.

— Oh! Não seja por isso, replicou o vendedor, póde provar quanta quizer, Estou certo de que não se vende igual em toda a cidade.

E offereceu á moça um punhado de herva. Ella se apressou em proval-a e, como é de suppor foi transformada em burro. Então o moço carregou-a com a cesta e fez ir pelas ruas, obrigando-a a caminhar a força de pancada. Os transeuntes vendo-o castigar o animal disseram indignados:

— Não é possivel permittir que maltrate desta forma o pobre animal. Vamos prendel-o e leval-o á presença do imperador para que mande castigal-o como merece.

O falso vendedor de salada declarou que não iria a presença do imperador se não o deixassem levar tambem o burro.

Avisaram ao imperador e esse respondeu que levassem o homem com o burro. Uma vez em presença do imperador o accusado declarou que estava disposto a dizer porque maltratava o burro que só o faria a sós com o imperador. A um signal do imperador todos os circumstantes se

(Termina no fim do numero).

O CRIME do BECCO das CANCELLAS

CARLOS RUBENS

—ELLE não tinha culpa...

Foram as palavras derradeiras. Não se lhe ouviu mais nada. Levada para o Hospital de Prompto Soccorro, sobreviveu poucas horas á operação do ferimento que a bala sinistra do *Colt* lhe provocara. Morrera suavemente, sem queixa nem suspiro, como se adormecesse angelicamente.

Os jornaes vespertinos, escandalosamente contaram o assassinato com côres inverosimeis. Teceram um romance inacreditavel, desceram á minudencias na vida das victimas, tentando rasgar o mysterio que parecia finalizar na scena desesperada do Becco das Cancellas. E varios dias a fio, á falta de assumpto mais ao sabor do publico sensacional, reviveram numa reconstituição triste, o acontecimento, conjecturando sobre os seus protagonistas infelizes.

*
* *

Conheceram-se pequenos. Brincando, adormecendo juntos e até adoecendo juntos do mesmo mal de infancia. Irmãmente.

Frequentaram a escola quasi na mesma sala e no mesmo banco. Sempre amigos. Jovens, se não viviam na intimidade dos outros tempos, sentiam-se fraternalmente. A ausencia servia para mais robustecerem as saudades e se reverem mais jubilosamente. E nesses instantes, volviam-se para os dias longinquos da meninice, tão longe agora, lá na provincia erma e affastada. E a recordação que tem força de milagre, trazia até elles as horas dos brincos álacres, das correrias innocentes, dos arrufos ephemeros, dos tempos de escola, todas as horas vividas e resurrectas. Riam, conversavam um pouco mais sobre tudo e seguia cada qual o seu caminho.

Por vezes, elle ficava a pensar naquella creatura que conhecera na infancia e que a vida não affastára nunca da sua amizade, como tantas outras. E mais a estimava, sabendo-a honesta e de um coração immaculado.

Numa das vezes que a encontrára, como nunca acontecera, ella houve por bem confessar-lhe as tristezas da vida, lanhada de dissabores e sombria de desencantos irrevelados. Elle commoveu-se devéras, surprehendido com a confissão sem minucias. Sentiu as amarguras da alma que sempre vivera em contacto fraternal com a sua. E attentando melhor no espectaculo amargo da existencia, procurou adivinhar os dédalos agros em que a creatura amiga se embaralhava e soffria. Procurou conhecer mais intimamente a vida da amiga. Para soffrer com ella. Ainda irmãmente.

—Eu preciso estar com você demoradamente, a sós, para lhe contar todo o meu triste romance. Revelar a Você, como nunca o fiz a ninguem, todos os meus tormentos, o que tem sido o meu viver intimo. Você vae conhecer completamente a historia angustiosa dos meus dias, que não têm fim. Você que nunca me ouviu lastimar nem me viu chorar.

Elle esperou essa hora que não veiu logo. Encontrou-a varias vezes sem que combinassem o dia da confissão intima. Elle queria beber a amargura da amiga e embebedar-se com ella.

Não conhecia o marido da amiga e nunca o fizera pelo conhecer. Mordia cada vez mais fremente, a curiosidade de ouvir a amiga. Precisava leval-a a um logar onde ella pudesse desabafar, dizer-lhe toda a sua vida, contar-lhe tudo.

Leval-a-hia á casa de uma senhora que ambos conheciam ha annos. De começo ficou a pensar que essa senhora tinha uma filha de quem se conheciam as leviandades. Da propria mãe se contavam alcovitices, dizendo-se que conhecia e abrigava os proprios amantes da filha. Não devia levar a amiga lá, embora talvez tudo quanto se dissesse da mulher e das filhas não passasse de calumnia ou maledicencia, comtudo, poderiam suppôr mal de ambos. Podiam tambem não suppôr. ....

Quando encontrou a amiga, combinaram o encontro. Fixaram o dia, que veiu. Foram.

*
* *

O marido da amiga, caixeiro viajante, andarilhava pelos Estados. Revia a mulher e os filhos, de tempos a tempos, por dias. Andava pelo interior fluminense, quando recebeu, no hotel em que se hospedara, uma carta anonyma, contando leviandades da esposa. Dizia que ella frequentava cinemas e casas suspeitas. Com um sujeito, cujo nome não segredava.

O marido fechou-se no quarto e ficou a matutar na sua situação e no que deveria fazer. Atirou a carta nervosamente amarfanhada já, e olhando-lhe bem as letras, que aos seus olhos agora se baralhavam e tornavam confusas, procurou lel-a. Mas não poude. Atirou-a para um lado e ficou a pensar se tudo aquillo não era obra da inveja, do despeito e da calumnia. Podia ser tambem que não fosse. Apanhou a carta, guardou-a no bolso e arrumou as malas, desorientando-se. Embarcou no dia seguinte para o Rio e foi para um hotel.

Sahia para espionar a esposa. Seguir-lhe os passos. Pegal-a em flagrante. Viu-a, certa manhã, sahir de casa. Acompanhou-a ao de longe, á esconsa. Na Avenida ella falou com um homem que elle não conhecia. Abraçou-o com intimidade. Seria o amante? Foram andando. Elle os seguiu reprimindo o odio e o impeto vingativo. Viu-os entrar numa casa do Becco das Cancellas. O odio refluiu-lhe ao coração como uma onda que empola e vae desdobrar-se com fragor. A idéa de matar a leviana avolumou-se, tomou-lhe o coração num afogamento: mataria os dois. Já deveria ter ido ao encontro delles e estava ainda á esquina, de pé, a mão no bolço da calça segurando o *Colt*.

Ia encaminhar-se para a casa onde entrara a mulher, quando deu com um conhecido. Esteve para empurral-o e seguir. Conversou dois minutos, contrafeito, quasi sem saber o que ouvia nem o que respondia. Pelos seus olhos, em côres que não eram bem nitidas, desenvolvia-se o coito infame. A traição ignobil. Despediu-se do amigo Penetrou por uma porta estreita e alta, subiu as escadas. No primeiro andar era um escriptorio commercial. Galgou o segundo. Uma campainha alarmou lá em cima. Attendeu-o uma senhora, a quem perguntou pela esposa. Não o conhecendo, a dona da casa ficou numa indecisão, nem saber se dissesse a verdade ou mentisse. Se o homem procurava ali a esposa é que sabia que ella lá estava.

Elle, porém, tirou-a da indecisão, investindo pela casa, varando os dois unicos quartos e a sala. Nesta encontrou a mulher, sentada num sofá, conversando intimamente com um homem. Era aquillo alguma prova? Mas não encontrava a esposa numa sala, sozinha com um homem, em confidencia? Poderia perdoal-os? A decepção, maior do que a honra manchada, desvairou-o. Puxou do *Colt* e atirou no homem que cahiu num estrebuchamento instantaneo e definitivo e na mulher, que daquella vez não peccara. Ferida de morte, o sangue avermelhando o corpo moreno e o linho branco das vestes, quando o marido ainda investia contra ella, cégo e possesso, ouviu-se apenas a infortunada dizer:

— Elle não tinha culpa...

*
* *

Os jornaes não desvendaram nunca, nem a policia, as relações entre elle e ella. O criminoso invencionou quanto poude para justificar o acto, que não quiz evitar. A morte, que é mysterio, levou o segredo que o mundo não conheceu.

Ha crimes assim.

Sorvete dansante, ao ar livre, no Fluminense Footbali Club.

FESTAS

Baile no Botafogo Football Club.

Baile das Hortencias no Mourisco

pacabana

Photographias apanhadas por "Para todos...", domingo, na praia mais bonita do mundo.

A maior força hydraulica do mundo

Quatro aspectos inéditos da Cachoeira de Paulo Affonso na Bahia

QUITANDEIRA

PATRICIO ALBUQUERQUE

LA' dentro do circo
o palhaço diz coisas bestas,
provocando risotas da assistencia.

E cá fóra,
exposta ao frio da noite,
a velha quitandeira,
postada junto á mesa,
espera o termo da função.

As palpebras lhe cáem, cansadas...
Balançando o corpo
num ritmo dolente,
deixa escapar, de quando em quando
uma vóz enfraquecida
que apregôa:

— Ôôôôô dooce...

Depois cochila, cabeceia...

E a função termina.
A multidão se escôa
e desaparece,
mergulhada nas sombras...

Lá atrás, uma vóz enfraquecida
ficou apregôando:

— Ôôôôâ dooce...

RUAS

DANILO LOBO TORREÃO

RUAS brasileiras
Ruas do Recife
Bêccos, entradas, travessas e viélas
Ruas bem brasileiras
Do Cajú
Da Senzala
Das Trincheiras
Da Roda e até da Amarração.

Rua da Penha (que cheira a menino novo)
Rua do Cupim (onde vão muitos ladrões)
Rua da Praia (que cheira a assucar de segunda)
Rua do Brum (que tem cheiro de pipas de vinho)
E Rua da Restauração (onde há mulheres bailistas).

Ruas bem brasileiras
Do Recife
Ruas estylisadas
(Preconceito e burguezia)
Ruas do commercio domestico
Onde moram as verdadeiras donas de casa
Onde passam verdureiros
Balaieiros
Carvoeiros
E mendigos syphiliticos.

Ruas bem brasileiras
Do Recife
Onde os pelintras quebram a calçada
As mocinhas sonsas e lyricas
Passeiam conversando sobre casamento e noites de casamento
Onde as vizinhas vivem a falar da vida alheia
E o Coronel Menezes
Veste á noite o seu pyjama tradicional
P'ra conversar com os vizinhos antiquados
Sobre politica
Cotação do assucar
E communismo.

Ruas brasileirissimas
Do Recife
Onde não passa bonde
Nem omnibus
Nem automovel
Onde quasi que não passam caras desconhecidas.
Ruas escuras
Sem calçamento
Sem exgotto
Sem luz electrica,
Ruas hospitaleiras
Ruas esquesitas
Ruas esburacadas
Ruas cheias de capim
Onde vivem gatos
Gallinhas
E cachorros que envergonham os moradores.

Rua do Socêgo da Bôa Vista
Onde eu me criei
Onde brinquei de dono de calçada
De bandido, de *sheriffe*
E onde apostei muitas carreiras...

Ruas bem brasileiras
Do Recife.

O ESTILO É... A MULHER

ADRIAN
Desenhista de trajes dos Studios da Metro Goldwyn Mayer.

O dom de se contemplar a si propria, conforme nos vêm os demais, é uma das raras qualidades que poucas pessoas possuem. Frequentemente podemos distinguir o typo alheio e saber o que melhor se adaptaria áquella personalidade... mas difficilmente distinguimos as nossas proprias caracteristicas.

A jovem de olhos sonhadores e cabellos côr de azeviche encaracolados, a quem a natureza doptou dum typo fascinante e mysterioso, será talvez uma jovem caseira e de inclinações simples; mas a menos que se amolde a seu aspecto exterior na escolha de seus vestidos, perderá a opportunidade de realçar seus actrativos.

Do mesmo modo a mulher de rosto suave e delicado perperá seus encantos pelo afan de usar modelos creados para typos mais garridos.

Esta é uma das principaes difficuldades para desenhar os trajes das artistas. Para se crear um modelo necessitamos procurar inspiração no rosto e na figura... ideando linhas e côres que ponham em relevo as qualidades da pessoa.

A' primeira vista, por exemplo, Dorothy Jordan, a artista mignon, dá a idéa de uma doce e timida adolescente por mais que seja na realidade uma pessoa de caracter intrepido abrindo caminho no mundo da arte precisamente em virtude da dita qualidade. Conserva, comtudo, toda a graça e delicadeza femininas

Dorothy aprecia muito as toilettes da fascinante Greta Garbo, com suas linhas longas e cingidas, mas Dorothy é muito discrecta para comprehender que não poderia usar toilettes e as poe de lado suspirando, convencida de que não tem altura sufficiente para usar taes estylos como é necessario. Realça, em troca, os actrativos da sua figura, renunciando aquelles modelos por outros de estylo mais juvenil.

Apesar de Dorothy gostar do cabello de brilhantes tons avermelhados, conserva nos seus proprios cabellos, suaves e sedosos a côr e brilhos castanhos com que a natureza a doptou, sem lançar mão de methodos artificiaes para mudar seu estylo. Usa pelo contrario, tons sombrios de mar-

Anita Page

Joan Marsh

ron em seus trajes, para pôr em relevo a delicadeza do seu typo, em preferencia ás côres vivas que a moda sanccionou.

As luvas compridas e os grandes pingentes tambem são muito apreciados por esta jovem artista, mas não os usa, porque ella reconhece que não é o typo para usar estas coisas com o desembaraço requerido.

Embora seus trajes de esporte assumam um certo ar de modestia pelos suaves tons usados em sua confecção — pois ella é inclinada aos exercicios ao ar livre — Dorothy gosa com a liberdade de movimentos que offerecem os estylos desta qualidade; ella assemelha-os ao seu typo, mediante pregas que lhes dão um cunho feminino, assim evitando as linhas e cortes masculinos.

E' por isto que, apreciando a discreção de Dorothy e sabendo de suas possibilidades, nos deleitamos em crear vestidos apropriados para ella.

Comprasemo-nos em acrescentar fofos e cauda ao longo de seus vestidos de noite, completando o effeito com volantes no decote e nas mangas. A renda se presta muito para estes estylos, o mesmo que o chiffon de desenhos muidos.

Os chapéos com flores se amoldam perfeitamente ao seu typo... uma vez que a aba não seja muito grande nem

Karen Morley

Marjorie King

tenham flores em quantidade.

Os vestidos de tarde e os costumes de bolero realçam seu encanto feminino... e assim conservamos sempre em mente sua estatura mignon ao dispormos os adornos. Parece que as jovens altas são as que vão mais brilhar nesta temporada; mas um simples olhar a esta jovem, rodeada de admiradores, revela immediatamente que Dorothy mantem sua popularidade. Sua delicada pessoa será apreciada emquanto durar o romancismo neste mundo..

THEATRO

EM nenhum outro paiz o desenvolvimento do theatro politico é tão vasto como na Russia, onde centenas de theatros foram fundados e funccionam normalmente. "Nós só temos duas cathegorias de peças, — commentava um director, — as peças que são mais politicas e aquellas... que são um pouco menos politicas".

O fim do Theatro politico é dramatisar todo acontecimento, toda circumstancia politica que pareça importante para o espirito publico. As peças são escriptas em commum; os actores são, na maioria, trabalhadores que se dedicam ao theatro nos momentos de folga, e elegem o director, em geral mecanico ou empregado em qualquer usina visinha.

"O nosso theatro é para o povo que só por meio delle comprehende as reformas necessarias para a edificação do estado socialista. A motorisação de cultura, neste momento, apresenta problemas complexos para a intelligencia do camponez. Procuramos, com o auxilio da scena, forçar a que comprehendam que motorisação significa: desenvolvimento da União Sovietica.

"Contra os nossos inimigos a scena é tambem uma arma temivel. Nós a dirigimos contra os Nepmen, os Kulaks e aquelles que se esforçam para atamancar o "governo dos trabalhadores", disse Sakalovski, director da actual troupe de Leningrad, transferida para Moscou. O nome dessa troupe TRAM tornou-se muito popular na Russia. Os actores são operarios que agóra consagram todo o tempo á scena.

"Campos" — uma das ultimas peças representadas por elles — mostra os esforços dos Kulaks para levantar os camponezes contra a nacionalisação das granjas. A peça explica os sinistros motivos dessa propaganda destructiva, descreve o trabalho severo do proletariado das cidades que tambem deve de pagar, corpo e alma, o preço da industrialisação.

"O camponez imagina que o operario gosa de todas as vantagens emquanto que elle é um servo do Estado. Nós nos esforçamos para combater essa idéa falsa, mostrando-lhes que a parte do operario é tambem trabalho e sacrificio".

O ultimo acto mostra a victoria dos camponezes sobre os Kulaks e os aristocratas ociosos que tentam naufragar os planos do governo. O tractor torna-se um heroe symbolico; um canto de alegria sóbe do coração dos camponezes; vê-se o trigo, que germina nos campos, fila por fila, desabrochar nas altas hastes...

Depois de cada espectaculo, actores e assistentes tomam parte numa discussão em que o valor da peça, os melhoramentos possiveis são postos em evidencia. "O publico deve ser o verdadeiro auctor das peças que compõem os nossos espectaculos", affirma o director.

"Deve ser tambem o julgador dos nossos esforços".

Todas as noites o theatro é totalmente occupado pela multidão e um grande enthusiasmo se creou em todo o territorio da União.

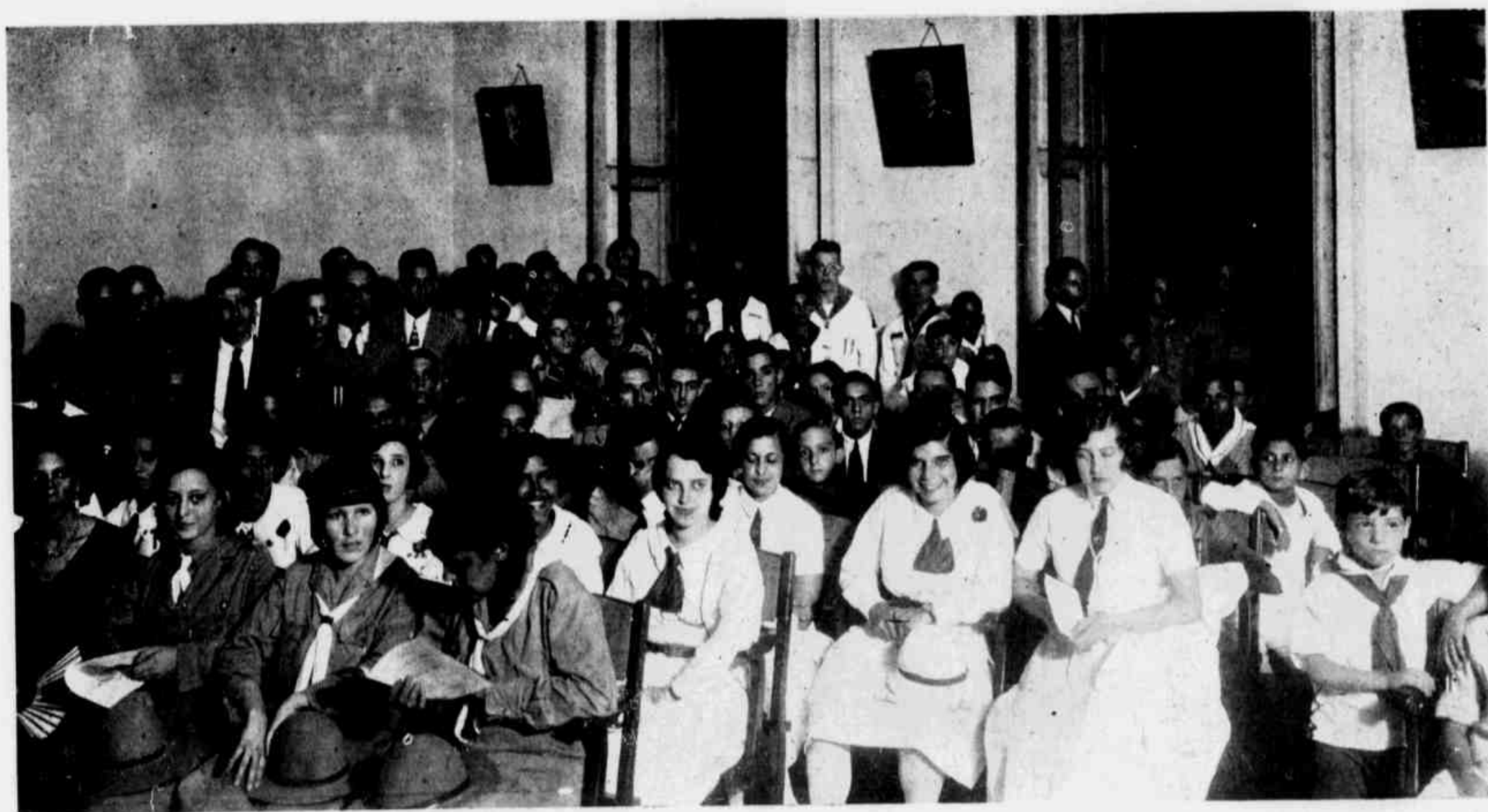
Ed. Falkowski

Dona Amelia Rey Colaço que vem com a sua companhia de comedias para o Theatro Carlos Gomes

O "chôro" dos Escoteiros da Lagoa

Federação dos Escoteiros do Brasil

Em Baixo:

Assistencia á linda festa de domingo

A idéa que não virá

Walkyria Neves Goulart

Resplandece desse ouro vivo do sol. E verde, dessa verdura nova dos pomares.

Tem estrellas como o céo alto e longinquo.

Uma faixa côr de alma a corta lado a lado.

E em torno da sua espera côr azul, côr das distancias, giram milhões e milhões de brasileiros.

Eil-a, marcial, musicalizada solenne e augusta, que se desdobra e se recolhe, beijada pelos ventos suaves, adorada pelos nossos corações.

NOSSA BANDEIRA!...

Um official bonito a leva aos hombros.

E Ella lhe pesa menos que uma flôr.

Vai ufano.

Carrega a Patria.

E essa patria é o Brasil.

E o Brasil é o céo na terra.

E' o deslumbramento. E' a grandiodade. E' a Perfeição.

E o moço official, desempenado se perfila.

Os olhos olham longe.

O passo tem o rythmo e a cadencia das marchas triumphaes.

Elle marcha triumphalmente para a gloria. Vai a caminho da vida, pois quem morre pela patria entra para a vida. Não ruma para a morte.

Vae cheio de si.

O Hymno do Brasil canta forte na bocca dos instrumentos.

Reforça-se mais ainda na bocca da multidão.

E as notas bailam, dansam, movemse no ar translucido que é uma pauta de sete côres — as sete côres do iris — e terminam numa fermata que repousa prolongada na musica interior da nossa idealidade civica.

O Hymno da Patria!

A Bandeira do Brasil!

Os homens descobrem-se quando Ella passa.

São militares á paisana, pois diante do corpo divino da Patria não ha civis.

Terçar armas, militar pelos destinos de sua terra, eis a profissão de cada um desses que não usam uniforme kaki, nem kepi, nem perneiras, mas que brigadeiam como os outros nas arrancadas tragicas de um 3 de outubro ou de outra data épica nacional.

Fardados entesam os corpos varonis em continencia ao pavilhão sagrado do paiz.

As mãos tocam os kepis.

As almas convergem no concavo maravilhoso do panno solto á brisa.

E' o espirito da nacionalidade, coheso uno, indivisivel, que se compõe de todos os atomos de civismo que ardem perennemente no sangue rubro de cada patriota.

E a onda humana fervilha.

E o silencio fala alto.

Elle diz de toda a sublimidade do momento.

Só as mulheres, ellas que vibram de outra maneira á vista soberba da Bandeira querida—maneira nem maior nem menor que aquella que agita os peitos dos centauros da patria, mas que corre parallella a essa, e que se exterioriza até mesmo muitas vezes no crystal espherico de uma lagrima, onde a alma vem á janella dos olhos offerecer-se, nua a bella, romantica e enamorada, á figura extraordinaria do estandarte amado, — só as mulheres permanecem como estatuas de pedra, imoveis á passagem do pavilhão sagrado, embora por dentro um mundo estranho de vibrações as sacuda delirantemente.

Digna de louvores, pois, a idéa dessas conterraneas que ao Presidente Getulio Vargas pedem o direito autorizado de um gesto com o qual as filhas desta Bandeira a acariciem, quando Ella enche a todos nós com o espritualismo de cada uma de suas obras.

Mas tenho para mim que esse gesto seja o GESTO.

Que cada uma das mulheres tenha para a sua Bandeira auvi-verde o impulso da sua caricia e não a caricia — typo, que leva marca e é timbrada por A ou B.

Que esta atire beijos á sua Bandeira milagrosa, que aquella leve as mãos ao coroção, olhos presos no estandarte sacrosanto, que outras ergam o braço em direcção da sua passagem, ou curvem a cabeça em recolhimento profundo, ou ergam-na altivamente, como quem desafia a propria morte na defesa do pavilhão glorioso.

Que o arremesso dessas almas seja livre, sem peias, como devem ser os gritos da alma, a voz do sangue, o pulsar de cada coração.

E a Bandeira do Brasil levará então em cada uma de suas pregas o gesto igual, methodizado, uniforme, disciplinado, que offerecem á sua passagem cada um dos seus homens (guerreiros, organizadores, guardas severos de um patrimonio querido) e os gestos varios; impulsivos, espontaneos, mais naturaes por isso mesmo, que lhe atiram as suas mulheres, pois nos grandes momentos a mulher é o sentimento, é a emotividade, é a explosão que arrebenta violenta, sem fórmas estudades, sem diques sem barreiras.

Festa de anniversario da Senhorita Judith Paiva Gonçalves.

Um novo cinema

Charles Farrell e Janet Gaynor numa scena de "Mary Ann", da Fox Film Corporation, com que será inaugurado hoje o Cine "Broadway".

Entre os livros

MARTINS DE OLIVEIRA. — **No paiz das carnaúbas.** (contos)

E' um livro que caminha victoriosamente para nova reedição. Escripto por D. Martins de Oliveira, a grande affirmação deste principio de anno, este livro como um crystal maravilhoso decompõe a intenção primitiva do autor num turbilhão de intenções significativas.

De facto, não é apenas um livro de contos. Atravez de suas paginas, forjadas num estylo cheio de harmonias novas, que revela o estheta, ha a observação arguta do sociologo, a agudeza do ethnographo e a fidelidade do historiador.

Certamente é impossivel nesta rapida informação dar uma idéa dessas facetas variadas da obra de Martins de Oliveira. Comprommettemo-nos a analysal-as alhures.

O aspecto que nos interessa é justamente o literario. Martins de Oliveira é um estylista. Nada lhe falta, nem energia de expressão, nem tampouco belleza de forma.

O rythmo de sua prosa é sereno, mas sem a monotonia de colorido. E', por vezes, goethiano.

Alliando-se a essa qualidade puramente verbal está o assumpto versado. E' curiosissimo. O paizagista confunde-se com o psychologo. A realidade da vida do medio S. Francisco surge com um ineditismo impressionante. E' um mundo ignoto, que nós brasileiros do littoral desconhecemos "in totum".

Martins de Oliveira é o Marco Polo desse paiz de maravilhas, que elle baptisou de "paiz das carnaúbas".

Por todos os seus aspectos esse livro é primoroso e encantador. E' um grande livro.

Joaquim Ribeiro

FOLHAS DE ACANTO. — **de Olavo Dantas.**

Aproveitando os ocios que lhe deixam o estudo da medicina e a clinica, Olavo Dantas recolhe-se ao sonho, volve-se para a poesia e canta a vida com as suas mil e uma formas e impressões e os sentimentos e emoções que lhe palpitam na alma e no coração. Poeta á margem do tumulto e do baralhamento de escolas, Olavo Dantas verseja com naturalidade e ternura, com espontaneidade e belleza, encantando quasi sempre com a sua poesia facil, doce e communicativa. **Folhas de acanto** é, portanto, um livro cheio de sonoridades, sob cujos amenos rythmos podemos viver horas de encantamento e e sonho.

Carlos Rubens

"TAU'" — Fevereiro. Domingo. Manhã loura. Morna. Cheia de sól. De perfume. De arvores verdes...

Foi numa manhã assim linda que eu li "Taú". O livro de Didi... "Taú" é um livro que dispensa adjetivos. O nome de sua linda autora vale por tudo que se poderia dizer de grandioso. Por isso que, ella não é apenas a "jeune fille" cheia de belleza. De graça. De mocidade... E' mais do que isso: é uma intelligencia requintada. E' uma das mais brilhantes mentalidades femininas da literatura contemporânea. Os seus contos foram escriptos com vibração. Graça. Audacia... Predicados da sua idade. A idade da primavera da vida. Predicados da sua intelligencia. Intelligencia de escól.

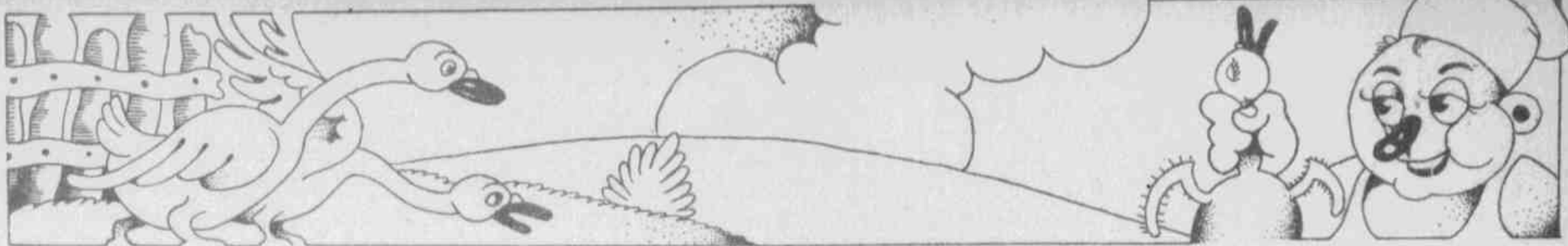
Em cada pagina de "Taú", ha como que uma pouca da alma de criança, que é a de Didi. Dos seus olhos buliçosos e penetrantes. Do seu sorriso meigo. Da sua graça cheia de mocidade... Neste trecho que se segue, por exemplo, ha um quê de sua alma romantica:

"... Mas a Roda-Gigante não pára nunca... Gira sempre, aproxima-se da terra... transformando afinal todos os sonhos floridos em realidade e em passado... e vai descendo... e a primeira garôa aconchega-nos a alma... a primeira neblina perturba-nos a vista... os nossos cabelos antigamente sedosos e negros são agora prateados e opacos... do rosto rosado e vivás, fugiu, com a alegria, o sorriso perene, deliciosamente futil da felicidade...

E' o destino da Roda-Gigante...

E' o nosso destino..."

Natal, Fevereiro 932

Pereira de Macêdo

Nossa Nutrição

AUGUSTA S. MONTEIRO

Traçado no numero passado, o esboço histoirco da arte culinaria, estudemos-lhe a importancia sob os pontos de vista economico e social. Na educação profissional feminina, occupa a cozinha o primeiro plano do curso domestico. A ninguem mais hodiernamente é licito contestar que a mulher caminha a gigantescos e rapidos passos para a sua independencia.

Vemol-a exercendo com indiscutivel brilho as actividades economicas e sociaes, até então apenas do homem privativas.

Na rota que palmilha, ella não visa tão sómente uma independencia egoistica, mas uma dignificante collaboração com o sexo forte para tornar-se a elle cada vez mais imprescindivel, não só na luta pela vida, como na paz do lar. Se é este o espirito da mulher moderna, outro de certo amanhã não não poderá ser, tanto mais quanto hoje, como nunca, ella encontra todas as facilidades para a obtenção dos elementos que no futuro a farão livre. Queremos referirnos particularmente, aos officios constitutivos dos cursos profissionaes das escolas femininas e, mais de perto, ao curso de cozinha, ahi ministrado indistinctamente, não só ás classes pobres e operarias, como ás abastadas. Desapperecido o preconceito de que o trabalho remunerado diminue, e firmado justamente o opposto, isto é que enaltace a quem honestamente o exerce, a mulher do seculo do radio, intelligente e pratica, ingressa na escola com o fim de apparelhar-se para todas as vicissitudes e incertezas que o futuro lhe reserva. De uma escola profissional, onde em um curso de humanidades bebe os conhecimentos scientificos que lhe são indispensaveis á educação intellectual, regressa ella uma perfeita moça de sociedade, habilitada, entretanto, a vencer seja como dona de casa, seja como bordadeira, florista, chapeleira, tecelã, dactylographa ou **contabilista**. Nenhum desses officios ao nosso **ver**, se compara em importancia ao da **cozinha**.

Do ponto de vista economico, a cozinha representa o peso do qual depende o equilibrio domestico, e esse equilibrio tanto é financeiro como physiologico; se no primeiro caso diz respeito ao dispendio com manutenção da casa, no segundo concerne á hygiene alimentar. Assim, uma bôa cozinha sobria e economica, delicada e racional, jamais propenderá, a desarticular as finanças e a saude.

Mas para haver bôa cozinha é necessario haver bôa cozinheira; e como organizar um cardapio, se se desconhece o modo de preparar os alimentos? Da cozinha se origina em grande parte a felicidade da familia, que é o esteio das sociedades bem organizadas.

E essa conquista menos depende das condições da fortuna, que das habilidades domesticas da mulher.

Fica pois provado que a arte culinaria é indispensavel á harmonia da familia e consequentemente da sociedade.

* * *

SALADAS TRICOLOR

Modo de preparar as beterrabas: Tome 3 beterrabas regulares, corte as folhas e leve a cozinhar com a casca. Estando moles, retire-as da agua, tire as cascas e parta-as em rodelas ou em tiras. Misture num prato fundo um pouco de caldo de limão, uma colher de assucar, sal á vontade e ahi deixe as beterrabas tomando gosto. Nota: as beterrabas, em nosso paiz, não são doces em geral, por isso necessitam assucar. Faça assim e guarde segredo do emprego do assucar, para que as achem deliciosas.

Na hora de servir, devem ser bem es a calda, passe para ella as castanhas ensacadas. Mas, tanto as castanhas como a calda devem estar quentes. Deixe descançar em logar quente durante 24 horas. Diariamente retire a calda e submeta-a a uma fervura de alguns minutos. No setimo dia bote as castanhas a escorrer em uma peneira de bambú, durante 24 horas, e no nono dia embrulhe-as em papel de estanho fino. Nota: escolha de preferencia as castanhas grandes e redondas, as chatas não se prestam. Se seguir bem todas as prescripções, conseguirá fazer o verdadeiro **marron glacé!**

Molho da Salada: Misture bem 2 colheres nosos e alcalizantes; além disso é um vegetal, isento de falsificação.

MARRON GLACÉ

Tire as cascas grossas das castanhas e leve-as ao fogo, sem que a agua ferva, para que possa retirar as pelles. Feito isto leve as castanhas ao fogo cobertas com agua sufficiente para cobril-as até ficarem cozidas. Antes de retiral-as do fogo, faça á parte, uma calda com baunilha em uma quantidade de assucar igual ao peso das castanhas descascadas. Depois amarre duas a duas, dentro de um pedacinho de filó sem o que quebrarão fatalmente. Prompta

de bom azeite, caldo de limão e sal. Prefira sempre o limão em vez de vinagre, pois o limão é rico em productos vitamicorridas. A Salada: Tome uns 3 pés de alface branca repolhuda e parta em 3 as folhas. Tome 3 maçãs descascadas e partaas em fatias. Tome as baterrabas partidas em rodelas escorridas e arrume na saladeira do seguinte modo: a alface no meio, as maçãs de um lado e as beterradas do outro, para que estas não manchem as maçãs. Derrame por cima o molho da salada.

TODAS as novas linhas da moda, segundo Augusta-bernard, e que a sua collecção, de um gosto perfeito e de um talho estudado, apresenta, póde-se resumir nestas palavras:

De dia, a silhueta é alargada ao alto por golas, mangas, effeitos de laços, drapés.

De noite, é longa, fina, com fartura de pannos nas costas e contraste de côres. Pinças, drapés, bandas cruzadas, torsades. Os tecidos: crepes de lã porosos, tweed, setim Birman, velludo de lã, velludo tulle.

As côres: grenat, marron, preto, tangerina, azul escuro, lilás, azul celeste. Quanto a pelles, o astrakan preto.

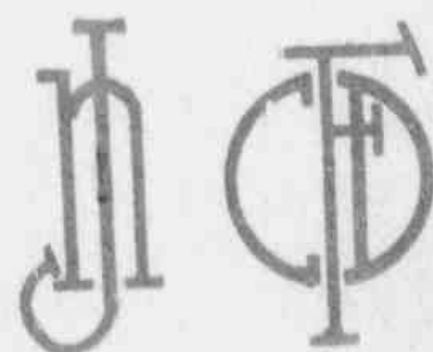
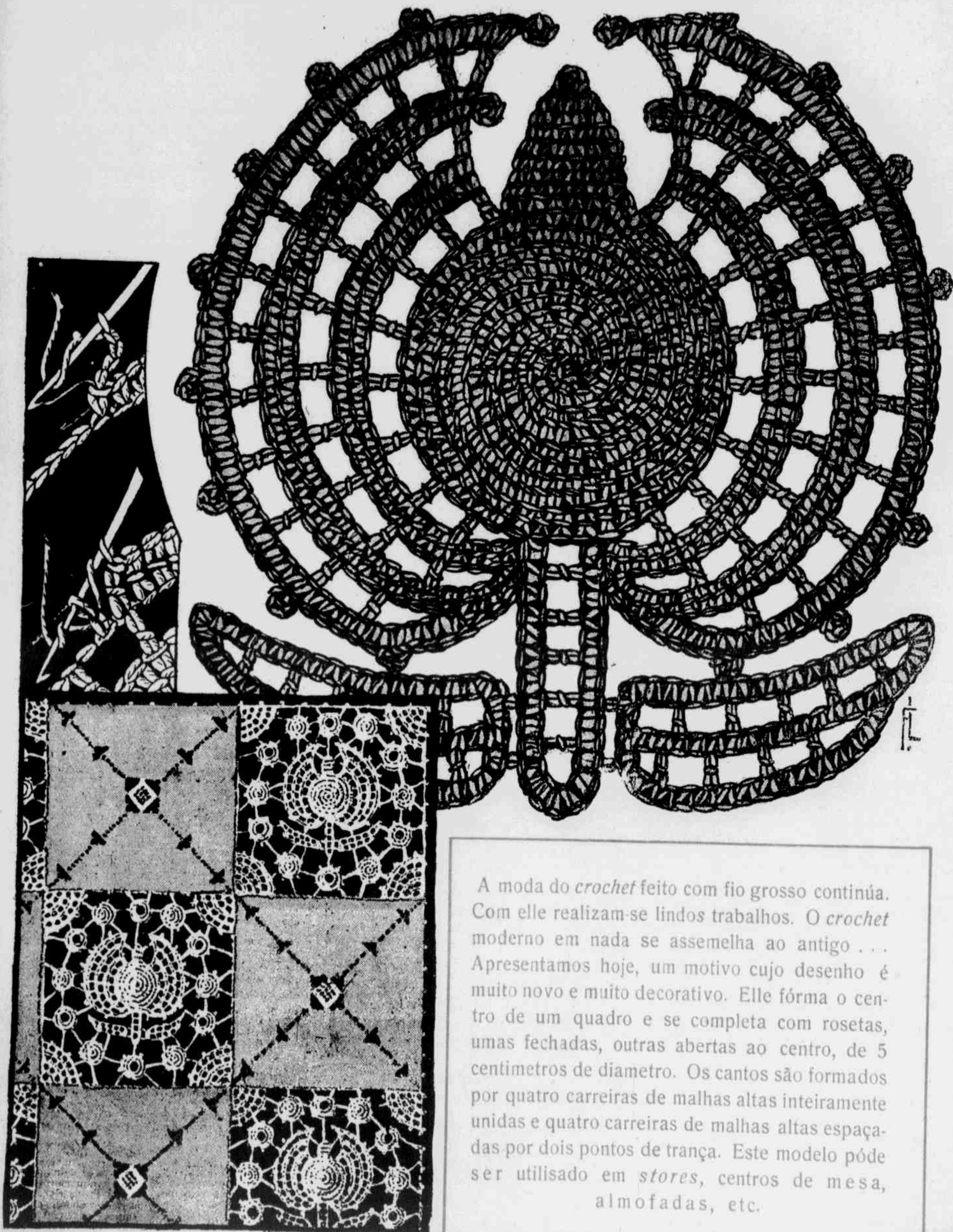
Jean Patou apresenta a silhueta estreita ao alto mais larga em baixo. A largura das saias parte sempre das cadeiras; estas não são mais sublinhadas pelo tecido. Em muitos pontos encontra se a influencia da arte persa: furos bordados de metal e seda; tunicas. colletes, emprego de lamés persas. O conjuncto da colecção é rico, mas o talho simples. Os tecidos: diagonaes, jerseys, tecidos listrados, drap, velludo setim, crepe setim péquiné. As côres: dominam o preto, *vieux-rose*, verde vivo, creme, cinzento, rosa, enxofre, branco.

Jeanne Lanviu mostra, na sua collecção, a silhueta levemen-

Modelo de Augustabernard em crepe marron. - Vestido assignado por Patou, diagonal azul escuro, guarnecido com tecido de estylo persa, nas côres verde, vermelho e branco. - "Ensemble", de Jeanne Lanvin em crepe verde vivo. — De uma elegancia requintada, este modelo de Patou, em velludo preto, com guarnições de herminia. — Vestido de Augustabernard em tangerina

DAS

Crepe de lã preto poroso com riscas brancas. Gola de seda côr de morango. Modelo de Niçole Groult. — Este vestido de Chantal é de crepe marocain marron. — Agnés - Drecoll offerece este modelo de crepe de lã poroso preto e branco com gola e laço de fustão branco. — O ultimo modelo é de Mambocher em fina lã marron listrada de beige. Ampla gola drapé que termina em immensa gravata de foulard beige com listras marron.

te larga em baixo, mas com o corpo e as cadeiras bem modelados. A linha "princeza" ou cortada por um cinto. As mangas voiumosas e muito trabalhadas contrastam com as golas pequenas e muito simples. Cintos de pelle, de argolas. Plissé soleil. Bordados de pratas e lantejoulas de metal Sweaters bordados para a noite. Os tecidos: jerseys listrados, escocezes, lãs mescladas, diagonal, velludo estampado, Georgette, Birman, taffetás. As côres: preto e branco, chocolate, cinza claro, todos os verdes, roxo, laranja, branco.

O TRABALHO da SEMANA

A moda do *crochet* feito com fio grosso continúa. Com elle realizam-se lindos trabalhos. O *crochet* moderno em nada se assemelha ao antigo . . . Apresentamos hoje, um motivo cujo desenho é muito novo e muito decorativo. Elle fórma o centro de um quadro e se completa com rosetas, umas fechadas, outras abertas ao centro, de 5 centimetros de diametro. Os cantos são formados por quatro carreiras de malhas altas inteiramente unidas e quatro carreiras de malhas altas espaçadas por dois pontos de trança. Este modelo póde ser utilisado em *stores*, centros de mesa, almofadas, etc.

A nossa nutrição

BEBIDAS

A agua entra em quantidade importante na constituição do organismo.

Podemos dizer que nosso organismo mais pura com que podemos supprir as rente. O recem-nascido tem 69 % e o adulto 66 % á 58 % de agua na formação de seu organismo. E' considerada como um alimento liquido, pois se resiste mais á fome que á sede.

As frutas e saladas contéem a agua mais pura com que podemos supprir as nossas necessidades organicas.

Cada mulher em sua casa, com as frutas da estação, póde fazer para si e

para a sua familia, bebidas deliciosas nutritivas e saudaveis.

Dou hoje duas receitas que servirão de modelo para as varias combinações que a phantasia de uma mulher intelligente encontrará para substituir o vinho, os licôres etc. As frutas contêm vitaminas, acidos e assucares necessarios á vida do organismo.

A bebida feita de frutas frescas, é, sem duvida, a mais saborosa, e a menos nociva das bebidas. Uma pelle fresca, um halito puro, uma saúde perfeita só se obtem pela hygiene alimentar.

PUNCH DE UVAS

Espremam-se as uvas, passando-as por um panno escaldado. Para ½ litro de succo de uva junte-se o sumo de um limão, adoçando com assucar á vontade de cada um. Ponha-se no gelo. Antes de usar junte-se uma garrafa de agua mineral, ou á falta desta, agua fervida.

LIMONADA DE OVOS

Adoce-se um litro de agua com uma chicara de assucar, levando-se ao fogo até levantar fervura. Ponha-se no gelo. Antes de servir junte-se o sumo de dois limões espremidos e dois ovos batidos no apparelho em que se fazem os cock-tails. A' falta deste (apparelho) podem-se bater os ovos e o sumo de limão dentro de um frasco ou garrafa de vidro, sacudindo bem em sentido vertical. E' um refresco altamente nutritivo em vitaminas C contidas no limão, e vitaminas A dos ovos.

Acto final

(FIM)

a sentir os effeitos disso. Foram-lhe negadas entradas em quaesquer pontos de diversão. Faltaram-se os convites para festas e reuniões. Ninguem o queria perto. Todos requisitavam a presença de sua esposa, ás festas e inaugurações, mas a condição primeira era não ir Charles, o marido, em sua companhia... Os amigos bons que ella possuia, offereciam-lhe festas, mas se ella se quizesse divertir em companhia do marido, tinha que fazel-o escondida dos outros e em restaurantes privados, onde a final bebedeira do mesmo não perturbasse com escandalo a clientela da casa e a paz dos vizinhos...

— Quando a vida se tornou positivamente impossivel, para ambos, elle, num momento de lucidez, lhe disse que o abandonasse, para sempre, antes que elle a desgraçasse de vez. Foi ahi que ella, tocada pelo sentimentalismo desse pedido, resolveu tomar a ultima resolução. Ella sabia, sentia e comprehendia que a sua carreira, o seu nome e o seu futuro estavam sendo ameaçados pelo procedimento do marido, mas não podia, tambem, abandonar aquelle que era mais fraco do que uma criança. Foi então que resolveu jogar a ultima cartada. Num tolo desejo de o resgatar, para a vida e para a decencia, começou a fazer ás suas bebedeiras e principiou a embriagar-se tambem. Não só ella bebia com elle, como com elle se embriagava e, com isso, queria ella que elle a visse no estado em que ella sempre o via e comprehendesse, nesse lance dramatico, o quão baixo era o seu procedimento e quão vil o estado normal de um bebedo. Um inutil arranco de fé, dirão, mas, no caso, um arranco de felizes resultados...

— O successo do golpe não foi immediato. Elle levou tempo a comprehender o que se passava com a esposa. Custou a comprehender, porque elle tambem embriagado estava e, assim, não percebia nada do que se passava ao redor delle e apenas satisfazia-se immenso com a companhia absoluta que a esposa lhe fazia. Juntos passavam as noites e juntos esvaziavam as garrafas, umas sobre as outras. Uma noite, por acaso, recolheu-se elle sobrio. Quando abriu a porta do quarto, a visão que o quadro gravado nos seus olhos lhe mostrou, foi violenta. A linda Drina Kromeskie, sua esposa, num completo estado de embriaguez fazia os disparates mais desconcertantes e procedia mais vilmente do que uma mulher sem moral. Bebedo, tambem, elle jámais a havia visto naquelle estado. Lucido, agora, elle via a miseria que era aquillo...

— Drina conseguiu o que queria: curou o marido. Curou-o, é certo, mas com o preço mais caro imaginavel: Drina Kromeskie viciara-se na bebida e não só se viciara, como, o que era peor, perdera-se para sempre, porque não mais tinha coragem de a deixar... Dahi para diante começou a faltar aos ensaios, a offender o empresario, a dar escandalos horriveis. Salvára o marido e desgraçara-se. E elle, desmerecido diante daquella esposa que a bebida tornára abjecta aos seus olhos, fez, talvez covarde, humano, talvez, aquillo que ella não tivera coragem de fazer: abandonou-a...

— Foi por isso que a actriz um dia celebre no theatro e no mundo, deixou tudo para se refugiar aqui neste nosso pobre esconderijo. O que a levou á morte, não sei. Talvez aborrecimento, talvez agonia, talvez cansaço de viver. Provavelmente isto. Um sabbado, pela tardinha, sentado eu estava proximo áquella janella quando Drina surgiu na rua. Vinha correndo, aos arrancos, arfava muito e parecia não ter ar. Depois levou as mãos á cabeça e, num supremo arranco, cahiu brutalmente sobre a calçada. Ninguem andava por ali e eu fui o primeiro a chegar ao seu lado. Commigo estava um pequeno menino de verdes annos que olhava com olhos esbugalhados. Curvei-me sobre ella, amparei-lhe a pobre cabeça ainda bonita. Abriram-se os olhos e ella, fitando-me, esboçou um sorriso grato, feito de soffrimento e agonia. Approximavam-se outras pessoas. Drina Kromeskie morreu. Um pequeno que vinha correndo, afflicto, achegou-se do outro que estava ao meu lado e lhe perguntou.

— O que foi?

— Ella deu um tiro na cabeça. . — informou o outro, sem tirar os olhos sempre espantados da pobre actriz. O menino que chegára tarde, num assomo de tristeza e aborrecimento, disse, cheio de inveja pelo pequeno que já ali estava.

— Que pena! Gostaria tanto que ella se matasse de novo para eu ver...

O burro maltratado

(F I M)

retiraram e o irmão mais velho se deu a conhecer. Abraçaram-se, então, muito commovidos, e o mais velho contou tudo o que succedêra depois que se separaram. Ouvida a narrativa, o imperador ordenou ao burro:

— Vá á tua casa e indica-lhe onde estão todos os objectos magicos: o coração da ave, a blusa de pelle de ovelha, a vara e o annel. Si fizeres entrega delles permittirei que comas a herva que te devolverá a forma humana.

Dirigiram-se á casa das mulheres. O moço recuperou todos os objectos magicos. Levou-os ao imperador que, em troca do quotidiano cofre de moedas de ouro, dividiu com elle o imperio. Desde então reinaram juntos.

A joven recuperou a forma humana, mas a belleza ficou prejudicada com as pauladas recebidas emquanto esteve transformada em burro.

AS CREANÇAS
E OS VELHOS
Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos accessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.
Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada Tosse dos Velhos e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.
KONOUT NEW YORK
TOSSE ? BROMIL

MOVEIS DE ARTE
TAPEÇARIAS FINAS
DECORAÇÕES MODERNAS
CASA NUNES
MARCA REGISTRADA
65 - RUA DA CARIOCA - 67
RIO DE JANEIRO
Installações elegantes
de interiores